



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**



**UM OLHAR SOBRE A EJA E A FORMAÇÃO DE SEUS DOCENTES**

**GILVANEIDE MAXIMO DA SILVA**

**NATAL/RN**

**2015**

**GILVANEIDE MAXIMO DA SILVA**

**UM OLHAR SOBRE A EJA E A FORMAÇÃO DE SEUS DOCENTES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marlucia Menezes de Paiva.

**NATAL/RN**

**2015**

Catálogo da Publicação na Fonte.

UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Silva, Gilvaneide Maximo da.

Um olhar sobre a EJA e a formação de seus docentes / Gilvaneide Maximo da Silva. - Natal, RN, 2015.  
40f.

Orientador (a): Profa. Dra. Dr<sup>a</sup>. Marlucia Menezes de Paiva.

Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Departamento de Educação.

1. Educação de Jovens e Adultos - Monografia. 2. Formação de professores – Monografia. 3. Modalidade de ensino – Monografia. I. Paiva, Marlucia Menezes de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 374.7

**GILVANEIDE MAXIMO DA SILVA**

## **UM OLHAR SOBRE A EJA E A FORMAÇÃO DE SEUS DOCENTES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marlucia Menezes de Paiva

Aprovada em...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marlucia Menezes de Paiva**

Orientadora – UFRN

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Kilza Fernanda Moreira de Viveiros**

Examinador – UFRN

---

**Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> José Mateus do Nascimento**

Examinador – IFRN

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a todos meus amigos e familiares, que de alguma maneira contribuíram para a concretização desse sonho, em especial a meus pais que, apesar de analfabetos, sempre me fizeram ver a importância da educação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me concedido a graça de ingressar nesse curso que aprendi a amar e por ter me dado forças de prosseguir durante esses anos, vencendo os obstáculos que surgiam que por vezes me fez pensar em desistir.

Especialmente agradeço a meus pais, José Maximo da Silva e Maria Rosa Maximo da Silva por terem me educado dentro de valores tão caros e que norteiam minha vida desde e sempre e para sempre!

Agradeço a Reginaldo Alves por ter acreditado em mim, pois sem suas palavras no momento certo nem ao menos teria começado o curso que hoje estou concluindo.

Agradeço aos meus filhos, Steverson Maximo, William Maxwel Maximo, Luana Layara Maximo, André Luiz Maximo e Julia Maximo, que suportaram meus estresses em momentos de dúvidas e conflitos e por sempre acreditarem em mim.

Agradeço a meu marido Alessandro Mendonça, pois sempre que me vi diante de uma dificuldade e pensei em desistir esteve comigo me dando forças e me incentivando a prosseguir.

Agradeço às minhas amigas de vida Isabel Ferreira, Anne Santos e Elisângela Azevedo, que apesar da correria do dia a dia sempre arrumavam um tempinho para me ajudar a desopilar.

Agradeço às minhas amigas de curso Conceição Bernardo e Elizabete Nunes por estarem sempre presentes nesses cinco anos dividindo as angustias dos trabalhos, que pareciam intermináveis. Em especial agradeço a Conceição Bernardo, por ser uma amiga presente e participativa, que me ajudou muito durante todo o curso, falando as coisas certas no momento oportuno e que teve participação especial nesse trabalho.

Agradeço à família Peixoto Dilma, Dona Ceça, Caio e Jana, pois sempre se alegraram com minhas conquistas e se tornaram como parte de minha família também.

Agradeço aos mestres por todos os ensinamentos que me conduziram a grandes e significativos aprendizados que levarei para a vida!

Muito obrigada a todos por tudo!

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (...) Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho convida o leitor a ter um olhar mais atento sobre a formação que os docentes da EJA recebem nos dias atuais. Com o objetivo de levantar reflexões sobre as dificuldades enfrentadas por docentes e discentes dessa modalidade de ensino foi feita uma pequena, mas considerável viagem no tempo, buscando resgatar momentos importantes da trajetória desse segmento da educação, situando-a assim historicamente. Buscamos definir a EJA, procurando entender quais as razões que a faz tão singular e específica, também foi feita uma sucinta caracterização dos sujeitos que ocupam as salas de aula desse segmento da educação, destacando suas especificidades, pois acreditamos que são elas que devem nortear a formação desse educador. Levantamos reflexões a cerca da significativa evasão existente dentro da educação de Jovens Adultos, pois se ela existe e, em números preocupantes, há um motivo ou vários deles, fazendo-se necessários estudos mais específicos em torno desse tema, com o objetivo de encontrar soluções para tal problema. Por fim trazemos uma abordagem sobre a formação do educador da EJA, onde traremos os pontos de vista de alguns docentes que estão em atividade nesse segmento da educação sobre essa formação e suas dificuldades em trabalhar com esse público.

**Palavras-chaves:** Educação de Jovens e Adultos, Formação de professores, Modalidade de ensino.



## **ABSTRACT**

In order to reflect on the Education of Youth and Adults (EJA) and the difficulties encountered by the educators and students of this modality, a time travel was made, aiming to recover important moments of this education segment, historically classifying it. We sought to define EJA, trying to understand why it is such a unique and specific sector. A brief characterization of the individuals who take these sort of classes was also conducted because we believe they are the ones who should guide the development of these educators' instructional methods. We raised questions about the significantly high dropout rates that exist within Education of Youth and Adults, growing at a worrying pace. This fact gives evidence for a need for more specific studies in this area in order to find solutions for such a problem. Lastly, we present an approach regarding the training of EJA educators. In this approach, we heard/listened to some teachers who are working with this educational segment about their training and obstacles with regard to working with this community.

Keywords: Education of Youth and Adults, Educators' Training, Teaching Modality

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A EJA .....</b>	<b>10</b>
<b>3 EJA, UMA BREVE RETROSPECTIVA .....</b>	<b>13</b>
<b>4 SUJEITOS .....</b>	<b>16</b>
<b>5 A EVASÃO ESCOLAR E OS SUJEITOS DA EJA, UM CAPÍTULO A PARTE..</b>	<b>20</b>
<b>6 O DOCENTE E SUA FORMAÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE 1</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de conduzir o leitor a uma reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, de parte dos problemas que enfrenta, do quão importante é essa modalidade de ensino e o quanto é pouco valorizada pela sociedade de modo geral.

Para tanto será feita uma sucinta definição da EJA, trazendo algumas inquietações que a cerca e destacando seu objetivo junto aos sujeitos que a procura. Faremos uma breve retrospectiva da história da Educação de Jovens e Adultos no decorrer dos tempos, visando compreender o seu processo histórico, serão apresentadas algumas iniciativas que foram tomadas para que a Educação de Jovens e Adultos exista como é hoje. Discorreremos também sobre os sujeitos que frequentam a EJA, buscando entender o que os levam a buscar essa modalidade de ensino e que os tornam seres tão singulares no que diz respeito à educação, pois bem sabemos que não se deve confundir o público da Educação de Jovens e Adultos com os demais e achar que eles necessitam apenas de escolarização, este público necessita bem mais que isso, não é um aluno que busca uma escola regular noturna, têm necessidades educacionais específicas.

Abriremos um parêntese no decorrer do trabalho objetivando assim, levar as pessoas a refletirem sobre um problema que é recorrente na história da EJA, mas que ainda não se achou um meio para solucioná-lo, a evasão escolar. O último, mas não menos importante ponto a ser abordado nesse trabalho será a formação dos professores dessa modalidade de ensino, que a meu ver é preocupante. Quando pensamos na prática pedagógica dos docentes que atuam nesse segmento da educação, nos deparamos com uma realidade assustadora, percebemos a necessidade de um olhar mais apurado sobre essa formação, é preocupante pensar e se certificar que os profissionais que estão à frente das turmas da EJA em sua maioria não tiveram nem um tipo de especialização e que por isso fazem uso de metodologias totalmente fora do contexto exigido por esse público.

Com a intenção de compreender como está se dando a atuação dos docentes dessa modalidade de ensino iremos a campo, fazendo uso de uma metodologia qualitativa visitaremos uma escola com o objetivo de observar a prática pedagógica no cotidiano da sala de aula, também será realizada uma entrevista com os (as) professores (as) das turmas observadas, para assim puder ter uma visão geral do

que está funcionando e do que pode ser melhorado na formação e capacitação desses profissionais. Com a intenção de preservar a identidade dos professores com os quais as entrevistas foram realizadas vamos chamá-los de Penélope (primeiro segmento) e Joaquim (segundo segmento).

Para dar início as observações e posteriormente as entrevistas, a escola foi contatada e solicitamos junto à coordenação pedagógica permissão para falar com os professores a fim de conseguir as turmas para que o trabalho fosse desenvolvido, a coordenadora foi bem receptiva e apresentou dois professores da Educação de Jovens e Adultos que julgou poder colaborar com o trabalho em questão, os professores não se opuseram e teve início as observações.

O trabalho foi dividido em capítulos para melhor compreensão. O primeiro com a intenção de entender o processo histórico que constitui essa modalidade de ensino como é hoje, trará um pouco do que é a EJA, como ela é definida, algumas leis pelas quais ela é amparada, as dificuldades e desafios que encontram os discentes e docentes desse segmento da educação e seu principal objetivo frente ao público que atende.

No segundo capítulo traremos uma breve retrospectiva da história da EJA ao longo do tempo, destacando alguns movimentos e campanhas que foram importantes para esse segmento da educação, dando ênfase para a *Campanha de Pé no Chão Também se Aprende Ler*, campanha desenvolvida na cidade do Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, durante o mandato do então prefeito Djalma Maranhão, foi de grande importância para a sociedade norte-rio-grandense de modo geral.

O terceiro capítulo apresenta o sujeito que frequenta as salas de aula da EJA, destaca algumas características que são comuns a esse grupo que volta às salas de aula com a intenção de “recuperar o tempo perdido”, faremos essa caracterização com o intuito de destacar as especificidades que rodeiam essa clientela e que precisam ser consideradas pelo docente que trabalha com esse público.

No capítulo quarto, consideramos relevante abrir um parêntese e falar um pouco sobre a evasão escolar, esse capítulo em particular, convida o leitor a refletir sobre esse problema que é recorrente na Educação de Jovens e Adultos. Afinal há uma razão para que a evasão ocorra e se perpetue ano após anos, logo, diante de tantos problemas enfrentados por essa modalidade de ensino se faz necessário um

olhar mais atencioso sobre esse problema em particular, que a nosso ver, causa preocupação.

O quinto capítulo traz a preocupação maior desse trabalho, a formação que o (a) professor (a) da EJA está recebendo, o objetivo desse capítulo é entender como essa formação está acontecendo e se esses professores recebem algum tipo de capacitação para atuarem com um público tão diverso e específico.

## **2 A EJA**

A EJA é uma modalidade de ensino que segundo o parecer 11/00 da CEB tem três funções básicas, são elas: reparar, equalizar e qualificar o indivíduo que a ela procura. Arroyo (2006) atribui uma quarta função para a EJA que a de emancipar os sujeitos que a compõem, quando diz que,

A educação de jovens e adultos sempre fez parte da dinâmica da sociedade, da dinâmica mais emancipadora. A EJA se vincula muito mais aos processos de emancipação do que aos de regulação. (ARROYO, 2006, p.19)

Portanto podemos dizer que o objetivo da EJA é garantir ao jovem e ao adulto que frequenta suas salas de aula a retomada de sua dignidade e para tanto é necessário torná-lo um cidadão crítico, capaz de refletir sobre o que acontece na sociedade em que vive e aja sobre ela.

Não são poucas as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos que compõem essa modalidade de ensino, a começar pelas estruturas físicas e pedagógicas enfrentadas por alunos e professores dessa modalidade, na maioria das vezes as salas de aula não oferecem as condições necessárias para que seja possível ministrar uma aula de qualidade.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 trouxe a garantia de um ensino de qualidade em qualquer idade, porém efetivamente isso não acontece, pois o que vemos nas salas da EJA são professores desmotivados pela falta de valorização profissional que impera, seja no que diz respeito aos salários defasados, seja no que diz respeito a uma educação continuada que os qualifiquem a estar trabalhando com uma clientela tão específica.

Os sujeitos que frequentam as salas de aula se sentem desinteressados, muitas vezes por julgarem as aulas maçantes e sem propósito, já que a metodologia adotada pelos professores não são atraentes aos olhos dos alunos, fazendo com que os mesmos não vejam sentido em estar ali. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA traz no 5º artigo parágrafo único o seguinte,

Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar: I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação.

Entretanto, o que se percebe é que essas especificidades muitas vezes não são consideradas, levando seus sujeitos ao desânimo o que culmina em um número elevado na evasão escolar.

A Educação de Jovens e Adultos é tida como o pagamento de uma dívida social histórica, porém a ela não é dada a relevância que merece, nas políticas educacionais é deixada em segundo plano com relação às demais modalidades de ensino.

No entanto, na última década houve alguns avanços com relação a essas políticas e a EJA foi inserida de maneira mais organizada no sistema de Educação Básica, nos financiamentos e nos programas de assistência estudantil (PIERRO, 2014). Quando Pierro diz que a EJA foi inserida de maneira mais organizada no sistema de Educação Básica é porque hoje a EJA faz parte do PNE (Plano Nacional de Educação) e é financiada pelo FUNDEB (Fundo Nacional da Educação Básica), PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e PNATE (Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar), ou seja, tem os mesmos direitos que qualquer modalidade de ensino regulamentada pela união.

Segundo (Pierro, 2014) a expectativa que se tinha há dez anos era de uma expansão maior dessa modalidade de ensino, no entanto a realidade é outra, a cada ano se abrem menos turmas de EJA e as que estão funcionando por vezes são fechadas por falta de procura ou pelo o grande número de alunos evadidos.

A EJA se tornou um direito desde a constituição de 1988 e esse direito foi reafirmado na LDB de 1996 e desde então as escolas têm a obrigação de assegurar um espaço apropriado para as aulas dessa modalidade, o que não quer dizer que isso venha acontecendo de forma satisfatória, como é um direito do cidadão, o que se pode perceber é que sempre há certa dificuldade nesse sentido, fazendo com que os sujeitos que fazem parte dessa modalidade sintam-se numa posição desconfortável, como se não pertencessem aquele espaço, como se estivesse pegando algo emprestado, que não lhe pertence de fato.

A princípio a EJA é de responsabilidade do município, porém nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio passa a ser também de responsabilidade do Estado e ambos devem ser assistidos pela união. No Documento Nacional Preparatório a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos diz que,

A responsabilidade constitucional pelo financiamento da EJA é de estados e municípios. O governo federal exerce um papel importante de suplementação, visando minorar as desigualdades regionais e promover um investimento por aluno que, pelo menos, iguale o valor-aluno nacional definido anualmente. (VI CONFITEA, 2009, p.19).

Segundo Paulo Freire devido às alterações sofridas no decorrer dos tempos a Educação de Jovens e Adultos se move na direção da Educação Popular, o que a torna mais abrangente exigindo uma sensibilidade maior por parte dos educadores que nela atua, pois deve levar em conta no momento de planejar sua ação pedagógica uma gama de necessidades específicas dos sujeitos com os quais trabalha, segundo Freire (2001) o educador dessa modalidade de ensino deve considerar sonhos, medos, dúvidas, frustrações e desejos do educando e a partir desses planejar suas ações, procurando mostrar a importância do ler e escrever, mas também de se ter uma leitura crítica do mundo, para ele a consciência política é de fundamental importância para autonomia do indivíduo, Freire pondera ainda que,

Dessa forma são tão importantes para a formação dos grupos populares certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto a análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, devem ir, com a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feito, por um saber mais crítico, menos ingênuo. O senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitistas por ele. (FREIRE, 2001, p.16)

### 3 EJA, UMA BREVE RETROSPECTIVA

A Educação de Jovens e Adultos acompanha toda a história da educação brasileira, tendo início no período da colonização, foi promovida pelos jesuítas com o objetivo de catequizar os nativos que habitavam as terras recém-descobertas, desde então passou por várias mudanças políticas e pedagógicas.

No decorrer dos anos para atender a um público cada vez mais diversificado, a EJA foi sofrendo alterações, uma modalidade que era voltada basicamente para alfabetização, ganhou uma nova responsabilidade, preparar os jovens que estão cada vez mais presentes ocupando as salas de aula dessa modalidade de ensino para o mercado de trabalho e transformá-los em indivíduos alfabetizados e letrados, além de torná-los cidadãos cientes de seus direitos e deveres perante a sociedade em que vivem.

Ao longo do tempo algumas campanhas e movimentos de incentivo a esse segmento da educação foram realizados com o objetivo de atender a um público tão diversificado quanto o da EJA.

Entre essas iniciativas podemos citar a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CAAA (1947-1963) que foi a primeira iniciativa governamental no sentido de levar educação de base aos jovens e adultos iletrados das áreas urbanas e rurais e sem dúvida alguma foi de grande importância para esse segmento da educação que até hoje ainda segue lutando para encontrar seu espaço dentro das políticas públicas. Na Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo – CNEA (1958-1963) o objetivo educacional ia além do ensinar a ler a escrever, havia uma preocupação maior voltada para o uso funcional dessas duas habilidades recém adquiridas, ou seja, de como os recém-alfabetizados fariam uso de seus novos conhecimentos.

Não podemos nos esquecer de aludir o Movimento Brasil Alfabetizado – MOBREAL (1964-1985) que foi criado parcialmente baseado no método de alfabetização idealizado por Paulo Freire no período da Ditadura Civil Militar. Apesar de seguir a metodologia de Freire fazendo uso das palavras geradoras, não seguiu os mesmos ideais, pois não procurava conscientizar e politizar os educandos, focando apenas na alfabetização funcional dos mesmos. Há também o Ensino Supletivo (1971) que foi mais uma importante iniciativa no sentido de atender a esse público jovem e adulto, implantado pela Lei 5.962/71 e pela primeira vez a Educação



de Jovens e Adultos ganhou um capítulo específico dentro da legislação educacional, no entanto até os dias atuais o Ensino Supletivo tem um caráter compensatório e não busca o desenvolvimento pleno do educando.

As campanhas e movimentos citados anteriormente foram realizados em nível nacional, no entanto, aqui no Rio Grande do Norte foi desenvolvida uma relevante campanha que tinha como seu principal objetivo a erradicação do analfabetismo, a *Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler* (1961). Surgiu num momento de grandes transformações políticas e sociais, no período aconteciam dois fatos que marcariam a história mundialmente, foram esses fatos a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria que aconteceram no período entre 1939-1964 e dividiram o mundo em dois blocos econômicos. Esses fatos provocaram uma grande crise mundial que desencadeou uma crise econômica e política das classes dominantes local, possibilitando que a classe trabalhadora alcançasse novos espaços dentro da sociedade, Germano (1982, p.172) diz que,

A Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler, como de resto os demais movimentos de educação e cultura popular do princípio da década de 60, desenvolveu-se num contexto de crise econômica e política das classes dominantes, num momento de ascensão política dos trabalhadores.

A referida campanha foi desenvolvida durante a gestão do então prefeito Djalma Maranhão, que diante do alto índice de analfabetos (as) existentes na cidade do Natal via a educação como prioridade e a tinha como meta prioritária em seu mandato. O objetivo da campanha era nobre, acabar com analfabetismo que imperava no Brasil naquela época e para tanto procurou promover a educação não apenas para as crianças, mas também para os jovens e adultos.

No entanto vale salientar que naquele período havia um número grande de professores (as) sem conhecimentos pedagógicos, tinham um domínio considerável de conhecimentos, mas não o domínio de estratégias de como aplicá-los e obter sucesso no sentido de alfabetizar os educandos que atendiam. Essa foi uma preocupação da coordenação da campanha e para atender a essa necessidade dos docentes em 1962 foi criado o Centro de Formação de Professores, onde se estruturava toda a parte pedagógica da campanha. O Centro era dividido em três cursos: o Ginásio Normal, o Colégio Normal e os Cursos de Emergência, esses cursos aconteciam como uma espécie de graduação, os (as) professores (as) do

município que tinham o curso primário eram matriculados (as) no Ginásio Normal, os (as) que tinham o ginásial eram matriculados no Colégio Normal e os Cursos de Emergência eram destinados a professores (as) dos municípios do interior do estado que fizessem convênio com a prefeitura do Natal. O Centro de Formação de Professores foi criado com o objetivo de garantir uma melhor qualificação dos (das) professores (as) que trabalhavam nas escolinhas. O Prof. Moacyr de Góes, secretário da educação no período da referida campanha, afirma isso em uma entrevista concedida a revista Paidéia,

Ainda para melhor qualificação docente foi criado um Centro de Formação de Professores (responsável pelos Cursos de Emergência e implementação da política educacional, inclusive de expansão para o interior do Rio Grande do Norte), um Ginásio Normal (de quatro anos) e um Colégio Pedagógico (de sete anos).

No entanto o número de escolas no estado era insuficiente para atender a demanda da formação docente que o momento exigia e por essa razão existiam muitas professoras leigas que lecionavam nos bairros onde moravam, mas que não possuíam qualificação adequada para esse fim.

Mas como podemos ver fala-se de uma formação de professores (as) generalista, ou seja, a mesma maneira de ensinar tudo a todos, porém sabemos que o adulto não aprende da mesma maneira de uma criança e nem no mesmo tempo, são formas diferentes de se analisar e trabalhar um mesmo problema. Se faz necessário um olhar diferenciado sobre como alfabetizar o jovem e o adulto que não alcançou a alfabetização no tempo que deveria, a função do (a) professor (a) vai além do ensinar a ler e escrever, também cabe a ele (a) ajudar aquele indivíduo a ser um cidadão crítico ciente de seus deveres, mas também de seus direitos, cabe a esse (a) professor (a) levar a esse jovem e a esse adulto a que atente e refleta sobre a importância de estar adquirindo novas habilidades que o tornará um cidadão emancipado e detentor de novos saberes. No livro “Educação como prática da liberdade” Freire diz o seguinte,

Desde logo, afastáramos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo, pensávamos a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emersão que fizera no processo de nossa realidade. Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos. (FREIRE, 1967, p.103).

Acreditamos que um dos fatores que não permitiram a todas essas campanhas e movimentos alcançarem êxito no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos foi não ter levado em conta as especificidades que esse público possui e esse erro parece se perpetuar nos dias atuais o que resulta num alto índice de evasão desses educandos.

No decorrer da história educacional do país muitas outras iniciativas foram idealizadas e desenvolvidas no sentido de minimizar os altos índices de analfabetismo existentes no Brasil, porém foi só a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988 que um novo olhar foi direcionado para a EJA, lá diz que, - art. 208 : “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I- ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

Agora é um direito constitucional, é dever do Estado garantir educação a todos independente da idade, a Educação de Jovens e Adultos estava respaldada pela Constituição Federal Brasileira. Mas o que de fato mudou nessa modalidade de ensino após essa nova constituição? A verdade é que não houve grandes mudanças, o número de pessoas analfabetas com idade a partir dos quinze anos só cresce, ou seja, o Brasil continua a gerar um número elevado de analfabetos (as) e em se tratando de desigualdades regionais na educação a Região Nordeste ainda é a que possui o número maior de analfabetos (as) com a relação às demais regiões.

#### **4 SUJEITOS**

Pensamos que algo relevante ao se trabalhar com a EJA é conhecer bem o público com o qual vai estar atuando, entender suas especificidades para melhor atender suas necessidades. Pensando nisso fui perguntado aos docentes com os quais desenvolvemos a entrevista se eles tinham consciência do compromisso que estavam assumindo com esse público e o que pensavam a respeito deles. Responderam prontamente que sim, que tinha consciência desse compromisso.

Penélope disse ter estagiado na EJA, mesmo tendo sido pouco tempo isso a ajuda em sua prática com esse público. Ela diz *Meu estágio foi na EJA... são poucos dias, mas dá pra ter uma visão geral desse público.*

O Sr Joaquim entende que é um público que corre atrás do “tempo perdido”, é *uma turma que está precisando de adiantar os estudos para entrar no segundo grau* diz ele.

No que diz respeito ao que pensam sobre esse público a professora Penélope diz que eles são muito esforçados, que apesar de todas as dificuldades estão sempre indo às aulas. O professor Joaquim pensa que é um público que devido ao pouco tempo que o professor tem para desenvolver um trabalho com mais profundidade vai ter um déficit com relação aos alunos dos demais segmentos da educação,

A EJA é uma modalidade de ensino pensada para adultos que não frequentaram a escola regular na idade apropriada ou que por algum motivo precisou parar de estudar não concluindo assim a educação básica, mas que por outros tantos motivos resolvem voltar às salas de aula e dar continuidade aos seus estudos.

Por muitos anos esse foi o público alvo dessa modalidade de ensino, porém o que vemos nos últimos tempos é um aumento crescente do jovem que procura a Educação de Jovens e Adultos para concluir a educação básica, de acordo como o censo escolar de 2014 o Brasil conta com cerca de 3,5 milhões de pessoas matriculadas na EJA, das quais 30% são jovens com idade entre 15 e 19 anos que poderiam está frequentado as turmas do ensino regular. Mas ao que se deve esse rejuvenescimento da Educação de Jovens e Adultos?

Alguns fatores contribuem para que ocorra essa juvenização na EJA. Pelos nossos estudos consideramos três, entre outros, como sendo os principais deles: a vulnerabilidade social, a inserção no mercado de trabalho e a gravidez precoce.

- **VULNERABILIDADE SOCIAL:** O contexto social onde esse jovem está inserido muitas vezes não permite que ele veja a educação como prioridade em sua vida, por essa razão se afasta da escola, se envolve com drogas e com a criminalidade, quando se dão conta da falta que a escolaridade faz, voltam a procurar a escola sendo assim encaminhados a Educação de Jovens e Adultos.
- **INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO:** Devido à necessidade de ajudar na renda familiar, ou para sua própria manutenção o jovem passa a ingressar no mercado de trabalho cada vez mais cedo, em alguns casos ainda está cursando o Ensino Fundamental e a dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos faz com que abandone a escola regular e passe a frequentar a EJA, que pelo fato de

ser oferecida no período noturno possibilita a esse jovem a oportunidade de dar continuidade aos estudos.

- **GRAVIDEZ PRECOCE:** Ao contrário do que se pensa esse fator não prejudica só as moças que engravidam precocemente e sem nenhum planejamento, em alguns casos os rapazes também acabam se prejudicando pelo problema, por ter que trabalhar para poder sustentar mulher e filho e por algum tempo param de estudar para tomar as providências iniciais e se estabilizarem para só depois de alguns anos voltarem à sala de aula, lhes restando então só a EJA para dar continuidade a seus estudos.

Sabemos que não é uma transição fácil para o jovem que busca a EJA como forma de continuar seus estudos, é compreensível que haja uma resistência ou dificuldade de adaptação desse jovem que está se inserindo em uma meio que verdadeiramente não é o seu. Amaral & Ferrari postulam que, “O jovem de EJA deve ser visto como uma pessoa, cujas condições de existência, remetem à dupla exclusão, de seu grupo de pares da mesma idade e do sistema regular de ensino, por evasão ou retenção”. (AMARAL E FERRARI, 2005, p.2).

A juvenização da EJA tem se tornado um desafio para o (a) professor (a) que atua nessa modalidade de ensino, pois precisa buscar atender a esse grupo tão heterogêneo desenvolvendo estratégias para conciliar desde a faixa etária até as necessidades específicas e ritmos de aprendizagem de cada um. No entanto há uma maior dificuldade por parte do docente adaptar-se ao ritmo dos jovens e são inúmeras as queixas direcionadas para esse grupo - conversam demais, se movimentam demais, não prestam atenção às aulas, não fazem tarefas são as queixas mais frequentes (AMARAL & FERRARI, 2005).

Esse público é diferenciado não só pela discrepância de idade existente entre eles, mas também pelas diferentes histórias de vida que cada um traz consigo e que muitas vezes são responsáveis por estarem fazendo parte dessa modalidade de ensino. Para o jovem a situação ainda é um pouco mais complexa, pois esse jovem não pode ser visto como os demais jovens da mesma idade que a sua, pois muitas das vezes precisam garantir sua própria sobrevivência e,

Nessa perspectiva, a experiência na instituição escolar assume um papel mais abrangente do que o de emissora de certificados. Enquanto trabalho e enquanto escola, o jovem que frequenta a EJA está mergulhado num meio que pertence ao adulto, que ele

desconhece na qualidade de agente da sua história, cuja prioridade está em se manter no mercado de trabalho para garantir a sobrevivência (AMARAL & FERRARI, 2005, p.3).

E se pensarmos um pouco sobre o assunto concluiremos que a tendência é que os jovens continuem a frequentar as turmas de EJA por um longo tempo ainda, basta levarmos em conta as crianças e adolescentes que estão fora da escola, pois são alunos potenciais da EJA no futuro, assim como os que estão frequentando a escola, mas não conseguem concluir o Ensino Fundamental na idade certa por ter em seu histórico uma longa lista de repetência.

Não é nada fácil fazer parte de um grupo que está entregue ao descaso dos órgãos públicos e marginalizado pela sociedade, nos dias atuais ainda se sofre com a discriminação que ocorre com os sujeitos que frequentam as salas da Educação de Jovens e Adultos. Por mais que as leis lhes assegurem direitos, esses são sempre burlados, fazendo com que voltem sempre ao ponto de partida, ou seja, um ensino universalista que não os possibilita uma evolução.

A CFB lhes dar direito a uma educação gratuita e de qualidade, lá também diz que é obrigação do Governo disponibilizar essa educação aos sujeitos que dela precisem, no entanto o que vemos são salas de EJA sendo fechadas ano a ano por falta de estrutura física das instituições ou de profissionais qualificados que atuem na modalidade, fazendo assim que a procura diminua por causa das dificuldades de acesso.

As Diretrizes Curriculares diz que as especificidades dos estudantes da EJA devem ser consideradas para garantir o sucesso no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem, para que os objetivos educacionais sejam alcançados com esses indivíduos um todo deve ser considerado, pois eles compõem um grupo com grande diversidade, mas em sua maioria a metodologia utilizada pelo professor não busca atender a essa heterogeneidade, mas sim ministram aulas voltadas para o tradicionalismo pedagógico, que levam a mecanização do saber, sem procurar fazer com que o educando reflita sobre o que está aprendendo e/ou participe do processo do qual ele é o protagonista.

É esse público diverso e complexo que a EJA atende o adulto que não conseguiu concluir a educação básica em sua idade própria e o jovem que por várias razões foi excluído do ensino regular.

## 5 A EVASÃO ESCOLAR E OS SUJEITOS DA EJA, UM CAPÍTULO A PARTE

A evasão escolar é algo que faz parte da trajetória histórica da EJA e apesar de não ser esse o foco principal desse trabalho consideramos relevante levantar alguns fatores que contribuem para esse problema. Temos consciência da complexidade desse tema e que por isso vemos a necessidade de um estudo mais específico e aprofundado sobre ele, que não é possível nesse momento.

Resolvemos abrir esse parêntese sobre evasão na EJA nesse trabalho com a intenção de levantar reflexões sobre o assunto. Afinal o que causa o número elevado de evasão nessa modalidade de ensino? Quais os fatores que são os principais contribuintes para que esse problema se repita ano após ano sem que haja mudanças significativas nesse sentido?

Tendo em vista a relevância desse assunto, resolvemos abordá-lo durante a entrevista e questionamos como os (as) professores (as) veem a evasão nesse segmento da educação, nas respostas dos docentes ficou claro que o cansaço é um dos principais fatores que levam o aluno da EJA a desistência; atrelado a ele vem a dificuldade de acompanhar o que está sendo dado em sala de aula. Vejamos o que responderam,

*Penélope: ... mas eu acho que é o cansaço, muitos já vêm direto do trabalho pra cá, quando chega aqui a gente vê que já num... isso acaba desestimulando.*

*Sr Joaquim: ... Acho que é a parte de dificuldade que eles têm, porque parece que eles vinham num sistema onde eles tinham menos professor e quando eles chegam na EJA eles já têm mais professor (no meu, que o segundo segmento, no caso) e eu vejo que eles têm mais dificuldade...*

Perguntamos também se eles acham que os (as) professores (as) têm sua parcela de culpa no que diz respeito a evasão, os dois concordam que sim. Disseram que se aulas não despertarem o interesse dos alunos, logo eles desistem. Vejam o que dizem,

*Penélope: Depende do professor, se tornar aquela aula chata... você ver que aqui na sala um fala uma coisa, o outro ri, mas se for aquela aula chata, monótona aí eles se desestimulam a vir no outro dia pra aula.*

Sr Joaquim: *Pode, poder pode, porque a gente quando está dando uma matéria pra eles tem que ter muito cuidado para verificar se eles estão aproveitando, porque na hora que eles não estão acompanhando eles geralmente se ausentam.*

Esses professores têm consciência de que a permanência dos alunos dessa modalidade de ensino depende da postura e metodologia que o (a) professor (a) assume diante da turma e que a partir delas o sujeito da EJA pode se evadir ou permanecer em sala de aula.

Como já foi dito antes, não são poucos os problemas enfrentados pelos docentes e discentes desse segmento da educação, muitos são os desafios e, combater a evasão escolar é uma deles, pois não basta apenas garantir que esses jovens e adultos tenham acesso a escola, tão importante quanto, é garantir também a permanência destes em sala de aula, pois não adianta iniciar o ano letivo com uma média de 35 alunos por turma se esses alunos acabam abandonando a escola no decorrer do processo e ao chegar o fim desse mesmo ano esse número está reduzido a muito menos da metade da turma inicial.

Faz-se necessário um olhar mais atencioso sobre esse problema, é preciso identificar o que está causando o afastamento desses indivíduos das salas de aula. Em leituras realizadas se repetem que os fatores que levam a evasão na Educação de Jovens e Adultos estão ligados ao social, cultural e econômico, junto a esses também foi encontrado o despreparo dos professores que atuam com esse público.

É sobre esse despreparo do professor que queremos nos deter um pouco. Sabemos que se trata de um público específico, que carrega consigo um estigma de marginalizado e excluído da sociedade e que por esse motivo precisa de um olhar diferenciado sobre ele, uma atenção redobrada sobre o que ensinar e como ensinar. Faz-se necessário que a abordagem pedagógica seja feita de uma maneira atrativa de maneira tal que ele queira voltar no dia seguinte, já que além de aprender ao que se propõe, fazer de maneira prazerosa, caso contrário não sentirá o desejo de voltar por mais que precise.

Um fator relevante ao docente é conhecer o público que atende, pois só assim poderá atuar no que de fato lhe interessa aprender. Não podemos esquecer que esses sujeitos vêm de um dia cansativo de trabalho, seja nas empresas, seja em casa, mas fato é que se ao chegarem à escola não se sentirem acolhidos e motivados a continuar certamente o fim será a desistência e para que isso não aconteça cabe a nós educadores revermos nossa forma de ensinar, de nos



fazermos entender e aceitar por esse público tão especial que é o da EJA. No livro “Pedagogia da Autonomia” Paulo Freire fala que ser professor se constitui de uma boniteza, ele diz assim,

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (FREIRE, 1996, p.64)

Seguindo esse pensamento de Freire acredito que o caminho para que se obtenha êxito com esses sujeitos é o amor ao que fazemos e o respeito a quem fazemos, é necessário afetividade entre educador e educando para que a aprendizagem ocorra e com ela o desejo desses sujeitos em permanecer na escola e continuar aprendendo.

Como já é conhecido por todos, o público da EJA é muito carente, mas não é carente apenas de bens materiais, os sujeitos da EJA são carentes de afeto, esse é outro fator que deve ser considerado pelo professor que trabalha com esse público no momento que pensa em ter êxito no processo de ensino/aprendizagem e permanência desses alunos.

Amaral & Ferrari (2005, p.5) dizem que “a escola deve levar em conta que as necessidades do aluno são de ordem diferenciada: motora, cognitiva, afetiva e social” dizem também que minimizar qualquer uma dessas necessidades significa comprometer todo o processo. Muitas vezes podemos pensar que só as crianças precisam de afetividade nesse processo, o que não é verdade, todos nós precisamos e, em todas as fases, em alguns casos só é necessário um pouco mais de cuidado e atenção, às vezes um ouvir atento e a palavra certa no momento certo faz com que o aluno continue e vá além. Enquanto professores (as), devemos pensar o desenvolvimento humano como um todo sem desconsiderar as especificidades de cada grupo com o qual trabalhamos. Amaral e Ferrari dizem que,

O aluno leva para a escola características de seu ser biopsíquico indissociado de suas condições materiais e sociais de existência, e a escola, como um fator que introduz no cotidiano um tempo de dedicação e exige inúmeras adaptações não pode se furtar ao

trabalho de ensino/aprendizagem descomprometido com o processo de desenvolvimento intelectual, social e moral, que ocorre simultaneamente à aquisição de conteúdos e disposição para avaliações (AMARAL & FERRARI, 2005, p.5).

Na escola na qual esse trabalho foi realizado, particularmente o número de evasão não é grande e o número de alunos frequentando as aulas diariamente é regular. Sabemos que essa é uma realidade isolada, pois em trabalhos realizados no decorrer do curso nos deparamos com turmas que começam o ano com uma média de 35 alunos, no entanto terminam esse ano com essa media reduzida a 10 alunos e por vezes até menos, essa realidade também é percebida em depoimentos de colegas de curso que realizaram estágios com turmas de EJA.

Esse capítulo é apenas um convite à reflexão sobre o problema. Pensamos que a solução, em parte, está nas mãos do docente e com um pouco mais de atenção e um olhar mais atento sobre o público que atende é possível se não acabar, pelo menos diminuir a evasão nesse segmento da educação.

## **6 O DOCENTE E SUA FORMAÇÃO**

Para melhor entender como está a formação de professores deste segmento de ensino e como está se dando o processo de ensino/aprendizagem optou-se por fazer observações em sala durante as aulas ministradas por dois professores de uma escola da Rede Estadual de Ensino localizada no bairro do Santarém, Zona Norte de Natal e ao final dessas observações realizar entrevistas com esses mesmos professores com o objetivo de entender como eles veem o próprio trabalho e a formação que receberam.

O trabalho foi realizado com uma professora graduada em pedagogia, com especialização em gestão escolar, atua na docência a 10 anos, mas está trabalhando com a EJA a pouco mais de um mês com o primeiro segmento (alfabetização) a quem chamaremos de Penélope e com um professor graduado em Matemática com especialização em geometria é docente a 32 anos e trabalha com a EJA a pouco mais de dois anos com o segundo segmento (7º e 8º) a quem chamaremos de Joaquim e, apesar de atuarem com turmas com maturidade cognitivas diferentes, suas falas se aproximam muito quando falam das dificuldades

de trabalhar com este público. Usamos nomes fictícios com a intenção de preservar a identidade real dos professores.

Na entrevista foram priorizadas perguntas que estivessem relacionadas com a formação dos professores e o cotidiano deles atuando com esses sujeitos, dessa forma buscando entender quais suas maiores dificuldades em trabalhar com esse público, assim como, o que pensam a respeito dele.

Ser professor (a) na atualidade é uma função complexa. Com o avanço das novas tecnologias e a rapidez com que os meios tecnológicos disseminam informações e conhecimentos, fica cada vez mais difícil para o (a) professor (a) se manter atualizado e trazer novas propostas para a sala de aula, tornando assim, as aulas atrativas e convidativas, já que nada mais é inédito, mas cabe a esse (a) professor (a) fazer uso desses meios em seu próprio benefício.

Há quem diga que ser professor (a) vai além de uma profissão, é um sacerdócio, já que, apesar da importância dessa profissão ser grande na sociedade, é pouco valorizada pelos indivíduos que dela precisa. Por vezes os docentes precisam abdicar de anseios pessoais em prol da profissão, que com certeza amam exercer, afinal precisa gostar muito do que se faz para se fazer bem feito e para ensinar, estar em sala de aula enfrentando as muitas adversidades a que são submetidos todos os dias, precisa de uma dose extra de amor à profissão.

Ao professor não cabe apenas ensinar ler e escrever, sua missão vai além do alfabetizar, a ele é delegada a missão de tirar o indivíduo das trevas da ignorância e levar à luz do saber, tornando-o assim um cidadão crítico que reflita sobre seus direitos e deveres dentro da sociedade em que vive. Porém muitas vezes esse profissional não é valorizado como deveria, quando suas metas não são alcançadas por algum motivo logo todos o criticam e dizem não ter feito um bom trabalho, mas quando ele alcança seus objetivos e seus discípulos chegam onde desejava, pouco são parabenizados e reconhecidos por seu bom desempenho.

O professor é um eterno pesquisador, essa afirmação é verdadeira, pois é necessário que se aprenda para ensinar, ou como poderá fazê-lo? Então o professor é aquele profissional que deve estar sempre buscando novos conhecimentos e desenvolvendo novas estratégias que lhe propicie realizar um trabalho de excelência com seus alunos, a ele cabe sempre considerar a diversidade do grupo com o qual irá trabalhar para que assim possa usar a melhor metodologia e dessa forma alcançar êxito em seu cotidiano profissional.

Isso falando a nível geral de docência, porém em se tratando de uma modalidade de ensino em que muitos outros aspectos devem ser considerados, como é o caso da EJA, essas competências se ampliam, pois esse público é muito específico e exige demandas diferentes, e por isso esse educador tem um grande desafio ao assumir uma turma dessa modalidade, então ele deve usar alguns meios para que seu trabalho flua com mais facilidade, a pesquisa ainda é o melhor deles.

É necessário que o Professor da EJA tenha sensibilidade para trabalhar esse público, levando em conta todos os aspectos que os cercam, o professor não pode se deter apenas aos conteúdos, o que realmente deve ser considerado é que esse indivíduo é diferente, socialmente, culturalmente, tem classe social diferente e muitas vezes é deixado a margem a sociedade.

Acreditamos que assim como as especificidades do educando da EJA precisam ser levadas em conta em todo o processo, as especificidades dos educadores que atuam com esse público também devem ser consideradas, pois são pessoas, não máquinas e suas necessidades devem ser pensadas. Assim como os alunos, os docentes também possuem sua própria historicidade, os seus próprios medos e anseios que precisam serem identificados no momento em que sua formação está em andamento.

Sabe-se que é necessária uma formação com qualidade específicas para os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos, mas, no entanto o que percebemos é que essa formação não existe de fato e que os cursos universitários, como o de pedagogia, por exemplo, dão maior ênfase a educação básica regular, deixando esse segmento à margem do processo.

O que pode ser percebido durante nossa graduação enquanto estamos sendo formados é que o foco está em como ensinar a criança a aprender, em entender como o desenvolvimento cognitivo acontece na criança, se estuda nos fundamentos educacionais como acontece esse aprendizado para poder potencializá-lo, mas não vemos preocupação no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo do jovem e do adulto, o que vemos é um número reduzido de disciplinas que tratam dessa temática e as que existem não dão subsídios para que o professor saia preparado para atender esse público tão diverso e complexo. Tem uma carga horária que não permite que o professor se aprofunde nas questões metodológicas ou psicológicas desse desenvolvimento, e é sabido por todos que o jovem e o adulto não têm o

mesmo tempo de desenvolvimento que uma criança, visto que já traz consigo um conhecimento de mundo que adquiriu ao longo da vida, Arroyo postula que,

Os jovens e adultos não estão no mesmo tempo mental, cultural, social do que as crianças de 6 a 14 anos. Seus saberes, cultura e vivência são outros, sua lógica, seus conhecimentos da natureza, da cidade ou do campo, da produção e do trabalho, o conhecimento de si mesmos e do ser humano, de seu gênero, etnia, raça são outros. (ARROYO, 2006, p.30)

Cabendo ao professor fazer uso desse conhecimento para alfabetizar e letrar esse jovem e esse adulto, tornando-o ciente de sua condição de cidadão.

Tendo em vista essa lacuna existente no curso de pedagogia com relação à atuação do docente na Educação de Jovens e Adultos, perguntamos aos docentes em nossa entrevista se eles receberam uma formação que os subsidia em sua prática diária, ao que eles responderam prontamente que não.

A professora Penélope disse que se não tivesse cursado algumas disciplinas complementares durante o curso seria bem complicado trabalhar com essa clientela, já que na grade regular não havia nenhuma disciplina que falasse sobre EJA quando estava cursando pedagogia. Em suas palavras, *Pronto se eu não tivesse corrido atrás, pagado as disciplinas complementares, não tinha visto nada, porque na grade é levado em consideração a Educação Infantil e o Fundamental, na grade mesmo não tinha nada de Jovens e Adultos não, nas complementares foi que eu vi falando de EJA.*

O Sr Joaquim nos disse que recorreu a seus anos de prática docente e experiência adquirida com eles para se adequar ao novo segmento, ele considera que se faz necessária uma preparação antes que assumam essas turmas, mas que não recebem nenhuma, em suas palavras, *Eu acho o seguinte que quando a gente vai trabalhar no curso que a gente não tem conhecimento, o certo era ter algumas informações de como trabalhar com esse aluno e isso não acontece.*

Pode-se dizer que essa má formação de professores que é dispensada ao docente da EJA se dá por causa da sua trajetória histórica, tendo em vista que a Educação de Jovens e Adultos tem origem em movimentos populares e está muito ligada a educação popular, que se desenvolveu em espaços não escolares, onde se tinha o entendimento que qualquer pessoa alfabetizada podia alfabetizar aqueles que não eram, pois o que importava era que o indivíduo aprendesse. Nos dias de

hoje já não se pode partir desse princípio, a realidade é outra e a dinâmica da sociedade atual não permite que apenas se funcionalize o educando, este deve estar capacitado para interagir com as demandas que a sociedade impõe e para tanto deve ser alfabetizado, letrado e ensinado a pensar sobre o que aprende para só então saber fazer uso dessas novas habilidades.

Por considerarmos importante as especializações e a Educação continuada na vida profissional de qualquer indivíduo, em especial aos profissionais da educação e, pensando nas múltiplas competências que o docente da EJA precisa possuir, procuramos saber um pouco sobre o que os entrevistados pensavam sobre ela.

Ao serem abordados sobre a Educação Continuada os dois concordaram da importância que esse tipo de educação tem para o professor que está em atividade. *É bom para está se renovando* ponderou Penélope, enquanto o Sr Joaquim fala o seguinte *É, eu acredito que todo curso é importante, porque você adquire mais conhecimento e melhora a maneira de transmitir*. Percebemos em suas falas que ambos têm consciência dessa importância.

No que diz respeito às especializações ambos consideram importante, pois segundo eles, garante um aprofundamento em determinada área de interesse que não se atinge em uma graduação, principalmente se essa área de interesse estiver atrelada ao seu campo de atuação, o que não acontece com a professora Penélope, ela nos disse o seguinte, *Eu fiz especialização em gestão, mas me arrependi, porque não pretendo atuar na área*.

Essa fala da professora Penélope nos alerta para um fator importante, nos faz pensar que ao optarmos em fazer uma especialização é preciso termos consciência do que desejamos para nós mesmos enquanto profissionais, para fazermos algo que nos acrescente em nossa prática cotidiana e não para que se torne uma frustração, como foi o caso da professora.

No entanto quando se trata de participar dos cursos de Educação Continuada oferecidos pela SEC os professores criam certa resistência, pois alegam que esses cursos geralmente são ofertados aos sábados, quando poderiam ser ofertados na semana.

Em conversas informais com os professores entrevistados foi feito o seguinte questionamento, se os cursos de Educação Continuada são benéficos e auxiliam ao (a) professor (a) que os recebe de forma positiva, por que não fazê-los aos

sábados? Eles alegam que os cursos poderiam ser ofertados durante a semana, entretanto a Secretaria de Educação usando como justificativa não tirar os professores de sala de aula para que os (as) alunos (as) não se prejudiquem, abre turmas apenas aos sábados.

Se de fato existe uma preocupação em torno do prejuízo que os alunos sofrem quando o professor se ausenta de sala aula, porque então só é considerado no momento que o (a) professor (a) precisa se ausentar para fazer os cursos que são importantes para que realizem melhor seu trabalho se aperfeiçoando em sua profissão? Por que esse prejuízo sofrido pelos alunos e alunas não são levados em conta quando há greves, quando falta merenda ou água, quando decidem fazer reformas durante o período letivo e os alunos ficam sem aula durante dias e essas aulas nunca são repostas da maneira que é devida? Questionam eles.

Percebemos que há um ressentimento por parte dos professores com relação a maneira como os cursos de Educação Continuada são oferecidos pela Secretaria de Educação, já que não é considerado o tempo disponível que o (a) professor (a) possui para poder está participando.

De fato nunca se pensou em uma formação formal que levasse em conta as especificidades do público da EJA e isso se arrasta e se perpetua ao longo do tempo, nas universidades é uma disciplina que não é nobre e, portanto não desperta grandes interesses e um olhar com maior atenção, mas é necessário que exista esse olhar mais atencioso sobre essa modalidade de ensino, sobre a formação desses docentes, pois é ela que abraça o adulto analfabeto que sentiu o desejo de aprender, assim como é ela que abraça o jovem que por alguma razão foi excluído do ensino regular e, é nesse mundo que o professor precisa entrar e interagir com o objetivo de alcançar êxito com relação aos anseios de cada um levando em conta suas particularidades, despertando assim seu interesse de aprender e continuar aprendendo. Para Moura,

Pensar na formação do professor de jovens e adultos, no atual contexto socioeconômico, político e cultural, exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses educadores, principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos sujeitos-alunos-trabalhadores. (MOURA, 2009, p.48)

Os desafios existem e são eles que mostram o caminho, no entanto este caminho não está definido, mas existem possibilidades, do jeito que está é que não dá para continuar, pois o que fica claro é que os cursos de formação de professores não estão formando bons profissionais para a EJA. Embora também não esteja formando para a Educação Infantil ou Ensino Fundamental, os cursos de formação de professores precisam ser revistos e seus currículos reavaliados, afinal estão formando profissionais que vão formar cidadãos que estarão atuando na sociedade.

Considerando como importância fundamental uma formação adequada e que responda as necessidades básicas de quem está se preparando para atuar como agente facilitador de transformação na sociedade procuramos saber dos nossos professores o que eles pensam da formação de professores hoje, se está qualificando bem os futuros docentes e eles disseram seguinte,

*Penélope: Não. Quando a gente pensa no federal acha que é diferente, mas não é, nem privado, nem federal. Só pra quem está de fora mesmo pra achar que sim.*

*Sr Joaquim: Acho que o setor de educação era pra fazer mais um acompanhamento e crescer mais em preparação, pode melhorar mais o nível do professor, uma vez que o professor passa muito tempo sem fazer aqueles cursos de capacitação, o que acontece, então vai todo mundo se acomodando, a tendência é essa.*

Fica claro em suas falas que eles não acreditam que os professores dos dias atuais estão recebendo uma boa formação, assim como nós, eles pensam que essa formação precisa ser repensada, que deve haver um olhar mais atencioso sobre o que está sendo ensinado nos cursos de formação de professores que as universidades estão oferecendo hoje.

O que acontece na maioria dos casos é que por alguma razão, seja para complemento de renda, seja para completar a carga horária o professor que atende as turmas de EJA é o mesmo que atende a criança da Educação Infantil e ao adolescente do Ensino Fundamental, fazendo com que haja uma rotatividade de professores (as) nesse segmento da educação o que impossibilita uma continuidade no trabalho desenvolvido e a aquisição de experiência no trabalho com esse público.

Tendo em vista as dificuldades encontradas pelo (a) professor (a) da Educação de Jovens e Adultos que está muitas vezes cumprindo sua terceira jornada de trabalho diária, pois em alguns casos lecionam na rede pública de



ensino, na rede privada e à noite lecionam para a EJA, indagamos o que os fazem escolher ser professor (a) da EJA, vejam suas respostas,

Penélope: *foi a situação, passei no concurso e surgiu essa vaga na EJA.* Diante dessa resposta, perguntei se o concurso que havia feito tinha sido específico para a EJA, o que ela respondeu da seguinte maneira, *pra EJA? Não, fiz pro Estado, Para o Fundamental I, aí teve a oportunidade da EJA e eu peguei.*

Sr Joaquim: *Questão até da necessidade de professor, para completar o quadro e também para completar o número de aulas tive que pegar uma turma da EJA.*

O que ficou claro com essas respostas é que eles não optam por trabalhar com a EJA, mas aceitam quando são solicitados pela necessidade de completar o número de aulas semanais que precisam cumprir e que devido às mudanças que ocorreram nesse sentido, lecionando só para o ensino regular não conseguem atingir.

Pensamos que essas horas semanais que faltam para completar a carga horária do (a) professor (a) poderiam ser utilizadas para que esse (a) professor (a) pudesse estar participando dos cursos de Educação Continuada oferecidos pela SEC e, no entanto são destinadas a estender a sua jornada diária, que já é muito extensa. Pensamos também que deveriam ser contratados professores (as) específicos para a EJA, ao invés de ficar sobrecarregando os docentes que trabalham com o ensino regular.

Outro fator que acaba desfavorecendo o trabalho do docente que atua com o sujeito da EJA é a jornada diária muito extensa, pois não permite que o professor planeje e ministre uma boa aula para esse público. Outro fator relevante que dificulta ainda mais o agir do educador dessa modalidade de ensino que é a ausência de parâmetros que a regularize, Arroyo postula que deve ser desse ponto que devemos começar nossos questionamentos,

Acho interessante partirmos desse ponto quando nos defrontamos com esta questão: como formar educadores e educadoras de EJA? Podemos partir de um dado histórico, que tento destacar, não temos parâmetros oficiais que possam delinear o perfil do educador Formar educadoras e educadores de jovens e adultos e de sua formação porque, também, não temos uma definição ainda muito clara da própria EJA. (ARROYO, 2006, p.17).

E a partir desses questionamentos caminhar em busca de respostas, procurando encontrar caminhos que nos leve a construir esses parâmetros e conseqüentemente a identidade da EJA contemplando suas particularidades, tirando-a assim do esquecimento em que se encontra. Levando em conta a relevância da construção desses parâmetros para a EJA pedimos que os entrevistados nos dissesse o que deveria ser considerado caso fosse elaborado esse documento, já que ainda não existe e é relevante para nortear a prática do professor em sala de aula, vejam o que responderam,

*Penélope: É como eu já disse levar em consideração os conteúdos que sejam do interesse deles, relacionar os conteúdos das disciplinas com o cotidiano deles.*

*Sr Joaquim: Assim, eu vou falar assim na parte de matemática, eu preferia trabalhar com eles mais na parte de matemática fundamental, por que é a parte que ele vai levar pra vida, para continuidade no segundo grau, então daria aquela parte básica mesmo, pra não ter problema no segundo grau.*

Percebemos em suas respostas que eles consideram relevante em caso da elaboração dos parâmetros curriculares para EJA que sejam considerados os fundamentos, conteúdos que possam ser relacionados com seu cotidiano, eles consideram importantes que os alunos da Educação de Jovens e Adultos adquiram conhecimentos que lhes sejam úteis no dia a dia e que eles possam levar para vida.

É muito óbvio que não há como ser um bom professor (a) quando não há tempo ao menos para pensar no que está sendo ensinado, muito menos para fazer um planejamento reflexivo que considere todos os pontos positivos e negativos que estão presentes no processo que está em andamento, com a intenção de melhorar suas estratégias de ensino. Libâneo diz que o planejamento escolar é uma prática reflexiva e que se não pensarmos didaticamente o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos interesses dominantes da sociedade, ele diz ainda que,

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. (LIBÂNEO, 1994).

Por entendermos que o planejamento é um momento importante no processo de ensino/aprendizagem, pois é em quanto pensamos no que queremos ensinar, que desenvolvemos formas de ensinar e se fazer entender por quem ensinamos, e essa reflexão acontece no momento que planejamos as ações que iremos desenvolver com o grupo com o qual trabalhamos. Tendo em vista a relevância do planejamento questionamos os docentes sobre o que consideram no momento que planejam as aulas para esse público, vamos as suas respostas,

Penélope: *Acho que ver o interesse deles, é a coisa do dia a dia que eles têm... que eles vão precisar pra preencher alguma coisa, um documento, coisas que seja da vivência dele, que tenha interesse pra eles, que eles achem interessante aprender.*

Sr Joaquim: *Se fosse possível o ideal era saber o nível de cada um, mas isso é impossível.*

Diante dessa resposta foi perguntado a esse professor como ele faz para identificar o nível em que os alunos se encontram, ele disse, *“Geralmente eu faço assim, eu pego uma parte fundamental básica e faço um questionário para eles responderem, pra mim sentir o nível”*. Perguntamos também se mudariam alguma coisa em sua maneira de trabalhar com seus alunos, eles foram unânimes em dizer que não, que a forma que eles veem trabalhando está dando certo e que por isso não mudariam.

Em suas falas transparece certo cuidado no que diz respeito ao planejamento, mas no entanto na hora de colocar o que se planeja em prática fica clara a dificuldade de efetivar o que nele foi idealizado, pelas dificuldades que surgem no cotidiano de sala de aula, pela diferença de nível entre os alunos e até mesmo por a turma ter faixas etárias diversas.

As observações realizadas foram de grande valia, pois nos deu uma visão mais ampla do que acontece em sala de aula. Podemos ter conhecimento da didática e metodologia das quais os professores se utilizam a fim de conseguir despertar o interesse dos alunos pelo que está sendo ensinado. Durante os dias que foram realizadas as observações ficou claro a carência desses sujeitos e as dificuldades encontradas pelo (a) professor (a) em dar conta das necessidades desse público.

O que foi percebido durante a observação destas turmas é que de fato não há uma preparação direcionada para que esses professores atuem com esse público,

eles têm consciência do trabalho que precisa ser feito e da responsabilidade que tem com essa clientela, entendem que são sujeitos complexos e cheios de especificidades, mas encontram inúmeras barreiras para desenvolver seu trabalho, dentre elas estão o desnível dos alunos com relação a conhecimentos que já possuem e a aquisição dos novos que estão sendo trabalhado, o tempo de aprendizagem de cada um e a grande diferença de faixa etária existente em uma mesma sala.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista todos os problemas e dificuldades encontradas pelos professores e professoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos, assim como a defasagem em sua formação de base, vemos uma maior necessidade de se buscar cursos que ofereçam uma formação onde eles possam está refletindo sobre sua prática, onde cada um possa se enxergar dentro do seu próprio ponto de vista e também no ponto de vista do outro, dessa forma desenvolvendo e ampliando suas competências, capacitando-o assim a lidar com um público tão diverso como o da EJA.

As observações realizadas na escola em foram de grande valia, pois nos deu uma visão mais ampla do que acontece em sala de aula. Podemos ter conhecimento da didática e metodologia das quais os professores se utilizam a fim de conseguir despertar o interesse dos alunos pelo que está sendo ensinado. Durante os dias que foram realizadas as observações ficou claro a carência desses sujeitos e as dificuldades encontradas pelo (a) professor (a) em dar conta das necessidades desse público.

A formação que esse educador recebe precisa habilitá-lo a ter um domínio maior do que cerca essa modalidade de ensino, pois a este educador não basta apenas conhecer bem a EJA, ele precisa também entender de assuntos pedagógicos que a cerca, tais como, currículo, avaliação e metodologia. O docente da EJA necessita incessantemente está se renovando, pesquisando, buscando novos conhecimentos e metodologias para atender sujeitos com características muito particulares como são os que procuram esse segmento da educação.

O que foi percebido durante a observação destas turmas é que de fato não há uma preparação direcionada para que esses professores atuem com esse público,

eles têm consciência do trabalho que precisa ser feito e da responsabilidade que tem com essa clientela, entendem que são sujeitos complexos e cheios de especificidades, mas encontram inúmeras barreiras para desenvolver seu trabalho, dentre elas estão o desnível dos alunos com relação a conhecimentos que já possuem e a aquisição dos novos que estão sendo trabalhado, o tempo de aprendizagem de cada um e a grande diferença de faixa etária existente em uma mesma sala.

O curso de formação de professores precisa capacitar o (a) professor (a) da Educação de jovens e Adultos para buscar diferentes maneiras de despertar um maior interesse do público que atende, pois é necessário que ele entenda tudo que envolve esses sujeitos, eles precisam ter uma compreensão de seus aspectos sociais e culturais. Quando falamos desses aspectos, nos referimos a história de vida que esse indivíduo traz consigo, pois são pais, mães, avós, avôs, esposos, esposas, namorados, namoradas, filhos e filhas que tem todo um conhecimento de mundo que precisa ser considerado em seu processo de ensino/aprendizagem e só considerando toda essa historicidade que eles trazem consigo será possível obter êxito com esse público, pois a escolarização só se torna educação se partirmos desses processos históricos e sociais dos quais estamos cercados.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sueli & FERRARI, Shirley Costa. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** (2005). Disponível em: <[http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/revista\\_shirleycostaferra.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/revista_shirleycostaferra.pdf)>. Acesso em 18 de nov. de 2015.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Formar educadores e educadoras de jovens e adultos**. Formação de Educação de Jovens e Adultos. Belo horizonte. Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)** / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao)>. Acesso em 13 de jul de 2015.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm)>. Acesso em 13 de jul de 2015.
- Entrevista com o Prof. Moacyr de Góes a revista Paidéia. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1992000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000300002)>. Acesso em 02 de dez de 2015.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra LTDA, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2002. Disponível em: <[https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/993d7833-2da2-4257-ba34-84ca55c9d19b/materiais-apoio\\_pedagogia-da-autonomia\\_integracao-universitaria\\_tb.pdf?MOD=AJPERES](https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/993d7833-2da2-4257-ba34-84ca55c9d19b/materiais-apoio_pedagogia-da-autonomia_integracao-universitaria_tb.pdf?MOD=AJPERES)>. Acesso em 28 de out de 2015.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação: Ensaios**. 5. ed. São Paulo. Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).
- GERMANO, José Willington. **Lendo e Aprendendo – A Campanha De Pé no Chão**. Ed. Autores Associados e Cortez Editora. São Paulo, 1982.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor). Disponível em: <<http://www.aecep.com.br/artigo/o-planejamento-escolar--jose-carlos-libaneo.html>>. Acesso em 20 de Nov de 2015.

MOURA, T. M. de M. **Dossiê Temático: Educação de pessoas jovens adultas e idosas**, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/242/254>>. Acesso em 15 de ago de 2015.

PIERRO, Maria Clara Di. **A EJA em xeque Desafios das políticas de educação de jovens e adultos no século XXI**. Ação Educativa, 2014. Global Editora, São Paulo 2014.

# APÊNDICE



## **ROTEIRO PARA A ENTREVISTA**

1. O que o levou a ser professor (a) da EJA?
2. Quando aceitou ser professor (a) da EJA tinha consciência do compromisso que estava assumindo com o público como qual iria trabalhar?
3. Você acha que a formação que recebeu lhe deu suporte para atuar com alunos Jovens e adultos? Se não, fale o que acha que deveria ter e não tem na formação de professores que lhe subsidie a lidar com esses alunos?
4. Sabemos que é importante ao profissional de qualquer segmento ter oportunidade de fazer uma “reciclagem” dos seus conhecimentos. Em sua opinião, qual o grau de importância dos cursos de educação continuada para o docente que está em atividade?
5. Você considera importante que os professores façam especializações?
6. Em sua opinião o que causa a evasão escolar na EJA?
7. Você acha que o professor tem sua parcela de culpa no que diz respeito à evasão escolar deste segmento de ensino?
8. O que você acha que deve ser considerado ao planejar uma aula para seus alunos?
9. Hoje você mudaria alguma coisa em sua maneira de trabalhar com seus alunos? Se sim, o que?
10. O que você diria sobre a formação de professores hoje, ela está qualificando bem os profissionais da educação?
11. Nossa realidade educacional é bem complexa e contraditória, a Educação de Jovens e Adultos, apesar de já ser reconhecida como tal, ainda não possui parâmetros definidos. Em caso de se construir um documento para esse fim, o que você acha que deveria ser levado em consideração em sua elaboração?